

A confiança das empresas estrangeiras

por Andrew Greenlees
de São Paulo

O Plano Cruzado de 28 de fevereiro, estréia oficial da Nova República em termos de política econômica, injetou boa dose de otimismo nas empresas estrangeiras que operam no País, mas ainda não modificou substancialmente os projetos de investimento das multinacionais. "O importante é que o governo agiu seriamente e tem apoio político interno forte", avalia David Benadof, diretor-presidente da J. I. Case do Brasil e presidente da Câmara de Comércio Brasil—Estados Unidos.

Para Benadof, a chance de sucesso do "pacote" é grande e a estabilidade econômica resultante atrairá maiores investimentos. "Aposto nisso", diz, lembrando que a incerteza causada pela inflação, especialmente nos dois últimos anos, foi um estímulo ao desinvestimento. Apesar dos problemas econômicos, Benadof garante que o Brasil sempre foi "uma ótima opção de investimento".

Maiores definições dependerão do tempo. "Os investidores vão esperar até que o ambiente criado pelo plano de estabilização se defina para decidirem por novos investimentos", prevê Rolf Loechner, presidente da Bayer e novo presidente da Câmara de Indústria e Comércio Brasil—Alemanha. Loechner aplaudiu a eliminação da inflação, já que ela era "um ponto-chave a ser considerado na hora de investir".

"O 'pacote' era absolutamente necessário. Havia problemas de gerenciamento, especialmente para empresas do tamanho da Alcan do Brasil", afirma Edward Ian Rugeroni, que acaba de deixar a presidência da filial brasileira da empresa canadense de alumínio. "O desafio agora é manter a estabilidade econômica", completa Everaldo Nigro dos Santos, substituto de Rugeroni na condução das operações da Alcan do Brasil.

Se ninguém arrisca uma previsão mais concreta sobre aumento nos investimentos, todos garantem a manutenção dos atuais números. "Nossos investimentos de hoje continuam", afirma Ricardo Botelho, gerente de comunicação da Basf. Nigro dos Santos garante, por sua vez, que o planejamento da empresa é o mesmo. "Temos a expectativa de investir entre US\$ 50 milhões e US\$ 60 milhões no Brasil em 1986, o mesmo valor aplicado anualmente desde 1981", diz o novo presidente.

(Continua na página 2)